



ARTIGOS



Os Limites da Bruxa Feminista

O Enfrentamento ao Patriarcado no Seriado “O Mundo Sombrio de Sabrina”

Cristiano Vinicius Lima Rantin, *Universidade Estadual de Londrina*

André Azevedo da Fonseca, *Universidade Estadual de Londrina*

Resumo. Personagem criada em 1962, a bruxa Sabrina foi representada em diversas versões em histórias em quadrinhos, animações, séries e filmes. Em 2018, no contexto de emergência do movimento #MeToo, o seriado O Mundo Sombrio de Sabrina, lançado pela Netflix, trouxe uma narrativa que abordou temáticas feministas, ainda que limitada pelas contradições próprias das indústrias culturais. Por isso, a série passou a ser objeto de estudo em diversos campos. Este artigo efetua uma revisão bibliográfica das produções acadêmicas no campo da Comunicação sobre a série, contribuindo para a sistematização dos resultados. Concluiu-se que, em termos gerais, as pesquisas partem do estudo dos estereótipos negativos associados à figura da bruxa na história para discutir a opressão patriarcal por meio da perspectiva feminista, situando a série no contexto contemporâneo e identificando as problemáticas históricas presentes na luta por autonomia da protagonista na ficção, ainda que isto não a isente de reproduzir estereótipos racistas.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo. Bruxa. Imaginário Social. Sabrina.



Introdução

O *Mundo Sombrio de Sabrina*, série lançada em 2018 pela plataforma de *streaming* Netflix, chegou em sua conclusão em janeiro de 2021, após quatro temporadas. A produção é uma adaptação em *live-action* da história em quadrinhos de mesmo nome, publicada pela primeira vez em 2014. Ambos os projetos são assinados por Roberto Aguirre-Sacasa, e contam uma história mais obscura da jovem feiticeira, Sabrina Spellman, uma meia-bruxa adolescente que precisa decidir se fará um pacto demoníaco e servirá Satã pela eternidade, renunciando sua vida mundana e seus amigos para conquistar mais poder.

Figura 1: Sabrina em sua primeira aparição e em “O Mundo Sombrio de Sabrina”



Syfy Wire e Revista Galileu

A nova representação de Sabrina marca uma mudança total em como a personagem é retratada. Williams (2018) explica que a personagem surgiu pela primeira vez na edição 22 de *Archie's Mad House*, em 1962, sendo criada por George Gladir e Dan DeCarlo. Ela rapidamente conquistou o público e em 1971 ganhou seu próprio desenho animado e a HQ *Sabrina, The Teen-age Witch*. Em 1996, a



personagem recebeu a adaptação *Sabrina, Aprendiz de Feiticeira*, um filme em *live-action* que posteriormente foi transformado em um seriado de grande sucesso, indo ao ar até 2003 e contando com 163 episódios e dois filmes derivados: *Sabrina vai à Roma*, de 1998, e *Sabrina vai à Austrália*, de 1999. Enquanto isso, a personagem continuou ganhando novos títulos nos quadrinhos e desenhos animados, além de aparecer nas histórias de Archie. Em 2013, Sabrina surgiu com uma versão mais sombria em *Afterlife with Archie*, e devido ao sucesso da nova interpretação da personagem, Aguirre-Sacasa lançou a HQ *O Mundo Sombrio de Sabrina* em 2014.

Nesta obra, Sabrina é retratada como uma bruxa abertamente satânica, mobilizando os estereótipos negativos da figura da bruxa. Esses elementos obscuros foram levados para o *live-action* na adaptação da Netflix, onde foram retrabalhados e incluídos em uma trama mais combativa e questionadora, ainda que Sabrina continue praticando magia satânica e cultuando Lúcifer como principal divindade.

Agora, a meia-bruxa não está mais envolta em *glitter* cor de rosa e magias inofensivas da *sitcom* dos anos 1996, mas mergulha fundo nos aspectos mais grotescos do mito da bruxa, que eram recorrentes na descrição das feiticeiras demonílatras dos séculos XVI e XVII, como infanticídio, heresia, canibalismo, pactos demoníacos e até relações sexuais com o diabo. Todavia, por se tratar de um seriado que aborda temas ligados ao feminismo em sua narrativa, a análise da representação das bruxas nas mídias é indissociável ao estudo da construção de estereótipos que legitimaram as violências misóginas na história. Enquanto Barstow (1995) afirma que mulheres continuam sendo chamadas pejorativamente de bruxas sempre que desafiam as estruturas patriarcais, Federici (2019) ressalta que, ainda hoje, em diversos países, milhares de mulheres são assassinadas sob acusações de bruxaria. No Brasil, o linchamento de Fabiane de Jesus, ocorrido em Guarujá (SP) após boatos de bruxaria que circularam nas redes sociais em 2014, indicam a importância de estudos dessa natureza (FONSECA; RANTIN, 2017).

Apesar de ter sido lançada recentemente, a série tem sido estudada nas mais diversas áreas. Assim, para contribuir na sistematização dos conhecimentos e favorecer o avanço nas pesquisas sobre este objeto, o presente artigo registra os resultados de uma revisão de literatura de pesquisas no campo da Comunicação que analisaram as produções acadêmicas sobre o seriado. Para isso foi utilizada a pesquisa bibliográfica dialética (LIMA; MIOTO, 2007), método que favorece a



identificação dos movimentos e contradições na construção de conhecimento sobre o objeto de estudo, assim como as dimensões sociais e políticas do contexto em que foi produzido.

O levantamento bibliográfico foi feito através da plataforma *Google Acadêmico*, no intervalo de 2018, o ano de lançamento da série, até 2020, período em que esta pesquisa foi executada. As buscas empregaram as palavras-chave: "O Mundo Sombrio de Sabrina", "O Mundo Sombrio de Sabrina + Feminismo", "Chilling Adventures of Sabrina" e "Chilling Adventures of Sabrina + Feminism", visando englobar produções acadêmicas tanto em português quanto em inglês, em um direcionamento para as produções que abordassem as relações entre o seriado e o movimento feminista – questão que interessava na delimitação desta investigação.

Em seguida analisamos os títulos, resumos e palavras-chaves, buscando encontrar os resultados que mais se alinhassem com nosso objetivo de pesquisa — sendo do campo de Comunicação e que focassem nas questões ligadas aos aspectos sociopolíticos do seriado. Encontramos trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrado, teses de doutorado e artigos científicos.

Ao todo, foram onze produções acadêmicas que se destacaram na pesquisa: Duas dissertações de mestrado (TINK, 2020; FRANCO, 2020), uma tese de doutorado (TRAMMELL, 2020) e oito artigos publicados em revistas ou livros (MORETTO ALVES; CÂMARA, 2020; BLÉCOURT, 2020; HARRIS, 2020; HENESY, 2020; McCann, 2020; ROTHFELD, 2020; STEINKE, 2019; YONEKURA, 2020).

Deste montante, os trabalhos de Blécourt (2020), McCann (2020) e Rothfeld (2020) foram descartados devido à indisponibilidade dos textos nas plataformas em que estão publicadas, o que impossibilitou a leitura completa dos materiais a serem analisados.

A partir desta pré-seleção, efetuamos uma leitura interpretativa e reflexiva dos materiais encontrados e executamos um processo para analisar se as obras se encaixavam nos parâmetros que havíamos estabelecido ou traziam contribuições inéditas e não redundantes.

O artigo de Moretto, Alves e Câmara (2020) foi desconsiderado por ter como foco o gênero cinematográfico e a categorização do seriado, e não as questões sociopolíticas, que eram o objetivo da nossa pesquisa; enquanto Harris (2020) opta por listar a narrativa do seriado, sem desenvolver conexões mais amplas entre a obra e o feminismo.

Ainda que Trammell (2020) estabeleça conexões interessantes entre *O Mundo Sombrio de Sabrina* e outras produções culturais que



unem bruxaria e empoderamento feminino, analisando a forma como a representação desse tema evoluiu ao longo dos anos, a falta de um enfoque mais direcionado em Sabrina foi fator decisivo para que a extensa tese não acabasse selecionada para nossa análise.

Optamos por analisar o artigo de Yonekura (2020) por ser uma produção nacional publicada em uma revista avaliada por pares e com vínculo com grandes universidades do país, em detrimento da dissertação de Tink (2020). Ambas as pesquisas têm como foco principal Lilith, antagonista de *O Mundo Sombrio de Sabrina* e sua relação com o feminismo e o enfrentamento ao patriarcado, mas enquanto Yonekura (2020) elabora sua investigação trazendo a perspectiva mitológica e estabelecendo relações entre a personagem e Lúcifer, Tink (2020) divide sua atenção com a representação de Lilith no seriado *Shadowhunters*, o que não é do interesse deste artigo.

Os artigos de Steinke (2019) e Henesy (2020) discutem a liberdade de Sabrina em uma sociedade patriarcal misógina, trabalhando a maneira que a narrativa do seriado se conecta com temas relevantes e movimentos sociopolíticos do mundo real. Por esse motivo, achamos necessário incluir ambos em nossa análise, considerando a maneira que eles dialogam entre si. Também optamos por analisar a dissertação de Franco (2020) que apresenta um contraponto inédito para argumentação sobre as pautas feministas do seriado, abordando as questões ligadas à racialidade e as problemáticas presentes em *O Mundo Sombrio de Sabrina*.

Deste modo, foi possível estabelecer uma visão significativa sobre o seriado, analisando estudos relevantes sobre *O Mundo Sombrio de Sabrina* e obtendo, portanto, uma compreensão panorâmica sobre a obra e sua relevância na discussão acadêmica sobre temas contemporâneos.

Sabrina, Feminista e Herege

Ao discutir o feminismo contemporâneo e a representação da bruxaria em *O Mundo Sombrio de Sabrina*, Steinke (2019) destaca que a série trabalha a sexualização do corpo da bruxa como uma ação política contra o patriarcado, desenvolvendo uma narrativa que reflete preocupações atuais da sociedade, como os movimentos *#MeToo* e



#*BelieveHer*¹, criados para combater as práticas de masculinidade tóxica, abuso, *slutshaming*² e a culpabilização da vítima.

A pesquisadora compara o seriado com outras produções atuais protagonizadas por feiticeiras, tal como *American Horror Story: Coven*, de 2013, e *A Bruxa*, de 2016, obras em que as feiticeiras sempre são dominadas por poderes ocultos e acabam demonizadas pelo patriarcado. Para ela, a nova série de Sabrina, no entanto, elabora uma representação da autonomia feminina, com a primeira temporada sendo inteiramente focada em temas como consentimento, luta pela liberdade e, principalmente, direito de dizer “não” para as principais figuras masculinas da trama, representadas pelo Padre Blackwood e o próprio Satã. E, dessa forma, Steinke (2019) conclui que o corpo da bruxa foi transformado em um símbolo de resistência, por agir contra as restrições heteronormativas, binárias e patriarcais impostas sobre os corpos femininos.

Ao discorrer sobre as críticas que a série recebeu, Steinke (2019) destaca a opinião de Rob Sheffield, crítico da Rolling Stone, que afirmou que as versões otimistas da Sabrina dos anos 1970 e 1990 seriam vistas como absurdas nos dias de hoje (STEINKE, 2019, p. 3). Para o crítico, *O Mundo Sombrio de Sabrina* é uma série sombria para tempos sombrios, apresentando uma protagonista que é símbolo de resistência contra o patriarcado e as manipulações que as mulheres sofrem na sociedade.

Recapitulando os eventos do primeiro episódio, que mostra Sabrina tendo dúvidas sobre a conveniência de fazer seu pacto com Satã, por não querer renunciar à sua vida mortal, Steinke (2019) lembra que Padre Blackwood engana a jovem bruxa ao prometer que ela continuará tendo sua liberdade após o “Batismo Sombrio”, apenas para ela descobrir, já durante o ritual, que teria que ser submissa ao diabo quando finalizasse a cerimônia. É isso que faz com que Sabrina se rebele contra ambos, tanto o Padre quanto Lúcifer, o que resulta em um julgamento contra a feiticeira. Para Steinke (2019) o evento serve como uma metáfora sobre a forma pela qual vítimas de abuso sexual e violência doméstica são tratadas pelas autoridades no mundo real. Por exemplo, entre as acusações que pesam contra a feiticeira estão as

¹ Criado por Tarana Burke em 2006, o movimento #*MeToo* surgiu como uma resposta contra o abuso sexual, ganhando destaque após as denúncias contra Harvey Weinstein. O movimento #*BelieveHer* tem como objetivo apoiar as denúncias das mulheres vítimas de abuso e assédio para que elas não sejam desacreditadas pela mídia, autoridades ou pela sociedade.

² Equivalente a “tachar de vadia” em português, processo no qual mulheres são atacadas, inferiorizadas e oprimidas por supostas transgressões à conduta sexual aceitável em uma sociedade conservadora, como uso de roupas tidas como provocantes, controle de natalidade e sexo antes do casamento.



roupas que a protagonista estava usando — um vestido de noiva — e o fato de ela ter visitado uma floresta de noite, com a “clara intenção” de “consumar o ato”. Isso resulta em Sabrina sendo exposta diante do seu *coven*, o grupo de bruxas da qual ela faz parte, sendo chamada de vagabunda e traidora por outras feiticeiras.

Figura 2: Sabrina é julgada por Padre Blackwood



Netflix

A pesquisadora reitera que *O Mundo Sombrio de Sabrina* trabalha essas temáticas atuais, tal como assédio, de forma didática, fazendo com que seja fácil entender o que está acontecendo. Assim, ao utilizar conceitos feministas, a produção examina e explicita os comentários envolvendo a cultura do estupro presente na nossa sociedade: como aponta Gilbert (apud STEINKE, 2019, p. 14), é uma discussão que tem espaço dentro do gênero gótico – do qual, segundo a autora, o seriado faz parte.

Steinke (2019) conclui que, durante os últimos anos, a figura da bruxa passou por inúmeras transformações na cultura pop, sendo utilizada para discutir temas sociopolíticos. Isso é semelhante ao gênero gótico, empregado por autores para desafiar ideais políticos e expressar



preocupações e experiências sociais. Assim, Sabrina se torna uma metáfora para os movimentos feministas contemporâneos, usando de outros recursos narrativos para ressignificar as bruxas e a feminilidade.

Mas a série vai além disso na maneira que retrata as feiticeiras, pois desafia o público, mostrando que “bruxas só são consideradas forças do caos por terem controle sobre si mesmas, seus corpos, e por desafiar ativamente momentos de injustiça por meio da energia e do mundo ao seu redor” (STEINKE, 2019, p. 17, tradução nossa)³. Dessa forma, *O Mundo Sombrio de Sabrina* apresenta o corpo da bruxa como um pesadelo sociopolítico, uma vez que ele desafia preconceitos sobre a autonomia corporal e se rebela, ao mesmo tempo em que continua acessível ao público.

Levando em conta o cenário político atual, Steinke (2019) conclui afirmando que os temas debatidos na série fazem com que *O Mundo sombrio de Sabrina* se torne interessante para as mulheres — sejam elas cisgênero, transgêneros ou não-binárias — por ser um símbolo de resistência.

Em seu artigo sobre a relação entre políticas feministas contemporâneas e *O Mundo Sombrio de Sabrina*, Henesy (2020) analisa como o seriado representa políticas feministas ao reimaginar Sabrina, desta vez a colocando como uma jovem *millennial*⁴ inspirada por personagens góticas da mídia. A pesquisa discute como a série utiliza recursos narrativos para criar diálogos com outras produções e movimentos sociais, e aborda a experiência feminina de uma adolescente. Além disso, identifica a maneira que a linguagem de rebelião política e história da bruxaria são empregadas na série para se relacionar com questões do feminismo e a identidade das vítimas de abuso no contexto norte-americano atual.

Após analisar a evolução da personagem na mídia, Henesy (2020) argumenta que a jovem bruxa se tornou uma feminista da nova geração. Na adaptação da Netflix, Sabrina lida com problemas atuais na sociedade em que vivemos. E esta percepção também foi registrada pela crítica especializada, que elogiou a mensagem feminista do projeto, como Richard Andrews, do *The Guardian*, que descreveu Sabrina como a

³ No original: “witches are only considered as forces of chaos since they retain control over themselves, their bodies, and actively challenge moments of injustice through of energy and the world around them.”

⁴ Termo utilizado para designar pessoas que nasceram entre 1981 e 1995. Também conhecidos como Geração Y, este grupo é marcado pelos “nativos digitais”, por terem nascido durante o ápice do desenvolvimento tecnológico e da internet.



personificação de um novo tipo de bruxa: jovem, militante, libertária e socialmente consciente.

Ainda que Roberto Aguirra-Sacasa, o criador desta nova versão da personagem, defenda que ela pertence ao gênero horror psicológico, sendo uma história de amadurecimento influenciada por filmes de terror protagonizados por mulheres, Henesy (2020) defende que *O Mundo Sombrio de Sabrina* faz parte do gênero gótico, algo muito importante para entendermos a adaptação e as mensagens da obra, visto que permite explorar a experiência feminina que acaba reprimida em outros gêneros fílmicos e literários.

Figura 3: Sabrina durante o seu Batismo Sombrio



Netflix

Reforçando que a ficção gótica sempre foi conhecida por dar voz a entidades liminares e não bem definidas — como o caso de Sabrina, que possui natureza híbrida, sendo meio mortal e bruxa —, Henesy (2020) aponta que a rebelião de Sabrina contra o pacto com o Diabo, aquilo que a faria ser aceita em sua sociedade, espelha a batalha de suas amigas no mundo mortal, resultando em uma embate multifacetado contra o patriarcado.

Contextualizando o “pós-feminismo” como um movimento que, segundo McRobbie (apud HENESY, 2020, p. 4), não encara o feminismo como algo necessário, por acreditar que a igualdade entre os gêneros já



teria sido alcançada, Henesy (2020) afirma que a versão de Sabrina dos anos 1990 entra nessa categoria; mas que *O Mundo Sombrio de Sabrina* difere deste movimento, uma vez que os pensamentos de Sabrina e seus amigos não são frívolos, mas oriundos de um desejo profundo de igualdade e equidade, tendo mulheres que são politicamente ativas. Portanto, a versão contemporânea da personagem pode ser definida como um “feminismo da nova geração”. E é por esse motivo que, no seriado da Netflix, vemos Sabrina utilizando símbolos e *slogans* da luta feminista para mobilizar pessoas e reavivar a memória cultural dessas lutas — ainda que seja importante lembrar que a mídia utiliza esses elementos histórico-culturais com motivações capitalistas.

A autora argumenta que, assim como observado por Sollée (apud HENESY, 2020, p. 4), jovens mulheres encontram na bruxa uma reclamação do poder feminino, vendo estas figuras como símbolos de superação da opressão. Com isso, a pesquisadora reforça que o seriado utiliza das questões políticas da bruxa e do feminismo para “criar personagens que estão redescobrando a linguagem, textos e argumentos da segunda onda feminista para articular sua frustração ideológica no presente” (HENESY, 2020, p.4, tradução nossa).

Citando Purkiss, Henesy (2020, p. 6) observa que a bruxa se tornou uma figura protofeminista no século XX, quando foi transformada em uma “irmã do passado” e figura central para o retorno da história feminina. Em *O Mundo Sombrio de Sabrina*, no entanto, como explicado por Aguirre-Sacasa (TURCHIANO apud HENESY, 2020, p. 5) a figura da bruxa é utilizada para lidar com aqueles temas de forma paradoxal: ainda que as feiticeiras sejam poderosas, elas continuam sujeitas a um papel inferior dentro do patriarcado, sendo oprimidas pela Igreja da Noite e por Satã, além de sofrerem por conta do seu próprio *coven* e demais bruxas.

Essa narrativa ganha contraste através de Sabrina, que chega para questionar, desobedecer e antagonizar as figuras patriarcais em ambos os mundos (o mortal e o das bruxas). Enquanto isso, porém, suas tias, que são bruxas mais velhas, tentam fazer com que ela se encaixe no padrão, sendo cúmplices da opressão às mulheres. No decorrer da história, todavia, vemos que a rebeldia de Sabrina começa a inspirar as mulheres da série. Assim, suas tias e a própria Madame Satã/Lilith, uma das antagonistas da trama, entram na luta contra o sistema.

Com isso, Henesy (2020) argumenta que *O Mundo Sombrio de Sabrina* destoa das versões anteriores justamente por ser uma narrativa mais socialmente consciente, que emprega, de forma deliberada, textos e



produções anteriores sobre feminismo, horror gótico e bruxaria, sempre visando expandir a discussão sobre esses temas. Portanto: “sim, ‘O Mundo Sombrio’ é sobre bruxas, mas também é sobre preconceito, empoderamento feminino e a quebra das normas sociais” (HENESY, 2020, p. 7, tradução nossa).⁵

Por fim, discorrendo sobre o anacronismo temporal, um elemento clássico da narrativa gótica muito presente na série, Henesy (2020) sugere que este recurso foi empregado de forma proposital, nublando as barreiras do tempo e criando uma sensação de assombro diante do indefinido. Assim, cria-se uma sensação de que os personagens estão enfrentando problemas que são, ao mesmo tempo, ultrapassados e atuais. Isso seria uma forma de a série se distanciar ainda mais do pós-feminismo, passando a mensagem de que uma nova onda feminista é necessária.

Assim como Steinke (2019), Henesy (2020) também analisa a maneira como a série trabalha temas como consentimento e a visão machista sobre o corpo da mulher, utilizando o julgamento de Sabrina como exemplo. Considerada “culpada até que se prove inocente”, a bruxa é bombardeada por perguntas que, no mundo real, são recorrentes em casos de abuso, sendo parte de uma tentativa de culpabilizar a vítima. Para a pesquisadora, criar um julgamento saturado de injustiças é a forma que o seriado encontrou para se conectar com o público-alvo da série, dialogando com os problemas contemporâneos que afetam as mulheres na realidade — como o *slutshimming*. Como observa Sollée, a palavra “bruxa” foi usada para punir mulheres e “policiar a sexualidade feminina” por séculos, mas agora “vagabunda” se tornou o epíteto condenatório.” (HENESY, 2020, p. 12, tradução nossa)⁶.

Henesy (2020) argumenta que *O Mundo Sombrio de Sabrina*, ainda que apresente uma personagem bem conhecida, chega para desafiar o que já sabemos sobre ela. Ao introduzir uma nova Sabrina politicamente consciente, a narrativa alcança sucesso por mostrar a protagonista como uma mulher que comete erros, e não uma pessoa perfeita, mas que continua sendo idealista, sempre lutando pelo direito de liberdade individual e pelo que acredita ser correto. A autora conclui

⁵ No original: “yes Chilling Adventures is about witches, but it is also about prejudice, female empowerment and the queering of social norms.”

⁶ No original: “By borrowing the language of these trials to punish and limit the freedom of Sabrina, this show is making a point that the target audience of the show may already be painfully aware of: young women may well be blamed for their own victimhood if they dress or behave in a way that is deemed provocative, or that conveys a sense of freedom of choice. As Sollée notes, the word “witch” was used to punish women and “police female sexuality” for centuries, but “now ‘slut’ has become the damning epithet that is de rigueur”



defendendo que, ao criar um senso temporal único, o seriado indica que os problemas que as personagens enfrentam são contemporâneos, mas atemporais. Além disso, fica evidente que questões que imaginávamos já terem sido resolvidas ressurgiram reconfiguradas nos últimos anos. Portanto, segundo Henesy (2020), *O Mundo Sombrio de Sabrina* é uma obra que conclama as jovens mulheres a não aceitar essas injustiças, sugerindo que elas deveriam se unir para enfrentar a opressão do patriarcado branco.

Com o objetivo de analisar as relações de gênero e poder presentes na narrativa de *O Mundo Sombrio de Sabrina*, Yonekura (2020) foca na segunda temporada da série e observa as representações de Lúcifer dentro da patriarcalidade institucionalizada é trabalhada, assim como a oposição feminista ao seu poder.

A autora parte do princípio que, visto que várias religiões e mitos foram interpretados a partir do viés da materialização da dominação patriarcal, é preciso compreender que essa estrutura tem origem na propriedade privada – conforme definiu Engels – e que marca a opressão feminina (YONEKURA, 2020, p. 120).

Isso pode ser visto na maneira que a personagem de Lilith é trabalhada na série, algo que se relaciona com seu mito. Após contextualizar a figura com base no *Alfabeto de Bem Sira*, a autora ressalta que a punição de Lilith é diferente da de Lúcifer, ainda que ambos tenham se rebelado contra a ordem cristã. Assim, “enquanto Lilith é uma figura apócrifa cuja história é exógena ao cânone, por exemplo, do catolicismo e do evangelismo, Lúcifer – como anjo caído ou estrela da manhã – tem sua história amplamente conhecida e divulgada” (YONEKURA, 2020, p. 121), com sua queda sendo descrita em vários capítulos da Bíblia, junto com seus feitos como opositor de Deus.

Levando isso em consideração, a autora afirma que a similaridade entre Deus e Lúcifer, que, em teoria, deveriam ser opostos, apenas reafirma o papel de Lúcifer, uma figura masculina, como uma figura necessária para a manutenção da base patriarcal da religião hebraico-cristã.

Este ponto é reforçado em *O Mundo Sombrio de Sabrina*, com Lúcifer não aceitando oposição, especialmente entre as mulheres, e usando da força bruta para conseguir obediência cega dos seus seguidores. Para a pesquisadora, isso reafirma o papel dele dentro da estrutura de poder, usando seu controle principalmente sobre Lilith; ainda que, na trama, os dois tenham se unido após a queda do paraíso,



ela assume um papel de inferioridade diante da autoridade masculina do diabo.

Figura 4: Senhor das Trevas influenciando Sabrina



Netflix

Analisando a trama da série, que apresenta uma inversão nas liturgias e estruturas religiosas, Yonekura (2020) destaca que Sabrina desafia o controle que o Senhor das Trevas e as figuras da Igreja da Noite têm sobre seu corpo. Essa rebelião culmina na união de Sabrina, de suas tias e de seus amigos com Lilith, que na série começa como companheira e seguidora fiel do anjo caído, criando uma resistência contra Lúcifer e o Padre Blackwood, líder da Igreja da Noite que organizava uma contrarreforma misógina para dominar as bruxas. A revolta feminina é bem-sucedida e a segunda temporada se encerra com Lilith sendo coroada como a nova Senhora das Trevas, assumindo um lugar que antes pertencia a Satã.

Dessa forma, Yonekura (2020) afirma que *O Mundo Sombrio de Sabrina* traz uma perspectiva antipatriarcal, apresentando a luta contra o sistema, mas Lúcifer, ao invés de assumir o papel de salvador por personificar tudo aquilo que falta no Deus cristão, é retratado como seu oposto apenas na luta por poder. Portanto, Satã reforça quase todas as estruturas de poder e opressão do seu inimigo, e a proposta da segunda



temporada é a construção de um caminho independente das divindades masculinas, ou seja, não escolhendo o Deus cristão ou o Diabo.

Yonekura (2020) conclui que, com a crescente presença das discussões sobre feminismo nas obras audiovisuais, Lúcifer não é julgado ou definido por ser opositor ao Deus cristão, mas sim “a partir de sua corporeidade e iconografia masculinas que precisam ser questionadas”, já que “a questão deixa de ser a forma de poder em si, mas porque este poder religioso se materializa em extremos opostos masculinos” (YONEKURA, 2020, p. 125).

Assim, ainda que fuja da maneira pela qual Lúcifer costuma ser retratado historicamente — como opositor político de Deus — a série marca o retorno de Satã “como um ponto de reflexão da humanidade, não mais como vilão, mas como centro de tensão que evidencia estruturas que precisam ser superadas” (YONEKURA, 2020, p.126), trabalhando o personagem através do seu gênero e de sua relação com Lilith. Com isso, *O Mundo Sombrio de Sabrina* vai além do debate sobre gênero, questionando os fatores e agentes de outras formas de opressão e a manutenção das estruturas injustas de poder, como na questão racial, através da narrativa de Prudence.

Com o objetivo de explorar como *O Mundo Sombrio de Sabrina* exalta o clichê da “salvadora branca” através da sua protagonista, mostrando um abuso de poder que ignora questões étnico-raciais, Franco (2020) indica um contraponto sobre a visão que as demais pesquisadoras tiveram da série. O autor ressalta que, na ficção, as bruxas costumam ser representadas como figuras poderosas, utilizando seus talentos da forma como bem entendem, de modo que a feiticeira tem sua imagem atrelada à feminilidade. O pesquisador questiona, porém, o fato de que, em sua maioria, as bruxas da mídia são sempre brancas e que essa combinação de raça e poder permite que essas narrativas continuem ligadas às dinâmicas estruturais que servem para oprimir pessoas não brancas, cuja identidade não se encaixa no padrão heteronormativo.

Franco (2020) argumenta que, mesmo discutindo questões importantes sobre gênero, o que vemos em *O Mundo Sombrio de Sabrina* é a externalização dos poderes femininos através da branquidade. A produção da Netflix, ao abordar o tratamento injusto das mulheres e a sociedade misógina, presente desde o sistema educacional até as instituições governamentais, tenta ser subversiva no que diz respeito à representação feminina, mas escolhe ignorar o diálogo sobre raça, entregando uma história convencional na qual a protagonista branca salva o mundo. Para o autor, a bruxa é uma extensão da



feminilidade que não consegue ser contida e, portanto, é temida pelas instituições que reforçam uma hierarquia patriarcal; mas essa feminilidade é sempre branca. “Esses personagens ainda mantêm o privilégio dos brancos, uma vantagem concedida àqueles que têm pele mais clara em comparação com aqueles com pele mais escura.” (FRANCO, 2020, p. 6, tradução nossa)⁷

Franco (2020) explica que o conceito de branquitude não é definido apenas pela cor da pele de uma pessoa, mas também está associado à prática sistêmica (como o capitalismo) que favorece pessoas brancas, enquanto afeta negativamente outras minorias marginalizadas. Isso resulta em um poder que não é medido nem cerceado pelas autoridades, garantindo a capacidade de mudar ou quebrar regras sem nenhuma consequência, além de marcar alguém como “o outro” e até mesmo matá-lo de forma impune, visto que pessoas brancas costumam ser mais proeminentes em posições de poder. A partir disso, o branco passa a ser uma cor que determina o que é normal, belo e civilizado, e o que não é. Portanto, “com a combinação de feminilidade e branquitude, a personagem de Sabrina continua a preservar o padrão da bruxa não racializada que possui poder dentro e fora da bruxaria” (FRANCO, 2020, p. 9, tradução nossa)⁸.

Segundo Franco (2020), até mesmo quando *O Mundo Sombrio de Sabrina* tenta fazer com que a protagonista adote o papel do “outro”, ou seja, a figura à margem da sociedade — um traço comumente ligado à figura da bruxa que vive fora das convenções sociais, dividida entre a normalidade e monstrosidade — a personagem não consegue experienciar as injustiças que personagens não-brancos sofreriam. Ao invés disso, a feiticeira conquista uma quantidade ilimitada de poder, algo que, para o autor, está ligado à sua brancura e feminilidade, enquanto os personagens negros continuam sendo ignorados e machucados pelo sistema. Como consequência, Sabrina reforça a narrativa da salvadora branca, uma personagem que faz boas ações e campanhas para ajudar os grupos marginalizados que seriam, nessa visão, totalmente impotentes sem ela.

Na história do cinema, a figura do “salvador branco” ainda é muito utilizada. Segundo Hughey, citado por Franco (2020, p. 11), o “salvador branco” assume o papel de um personagem messiânico que

⁷ No original: “While they may be women, these characters still maintain white privilege, an advantage bestowed upon those who have lighter skin compared to those with darker skin. [...] This privilege yields a significant amount of power and may be a threat to the patriarchal order.”

⁸ No original: “With the combination of femininity and whiteness, the character of Sabrina continues to preserve the standard of the non-racialized witch that wields power in and out of witchcraft.”



surge para livrar os pobres e necessitados de um destino trágico. Dotada de vantagens e sendo, literalmente, equivalente a Jesus Cristo na narrativa da série, Sabrina personifica esse conceito, superando todas as adversidades sem nenhum esforço, enquanto carrega privilégios que ela não questiona.

Figura 5: Prudence é uma das poucas personagens negras na série



Netflix

Franco (2020) também aborda a maneira pela qual *O Mundo Sombrio de Sabrina* lida com questões raciais ligadas aos personagens não-brancos do seriado. Citando Prudence como exemplo, uma bruxa birracial que age como antagonista da série, mas que, por não ter desenvolvimento narrativo, “simplesmente existe para ser o invólucro da ignorância, ódio e preconceito contra a caracterização incorruptível e correta de Sabrina” (FRANCO, 2020, p. 17. Tradução nossa). Ainda que seja uma bruxa “pura” e não uma mestiça como Sabrina, a série a retrata como alguém incapaz de lançar feitiços poderosos, sempre precisando de suas irmãs adotivas para conseguir surtir algum efeito. E, mesmo assim, os privilégios de Sabrina superam isso tranquilamente, com a protagonista quebrando uma maldição apenas com um banho. Dessa



forma, apesar de Prudence tentar emular a magia de Sabrina, ela não tem acesso a certos espaços, nem o poder ilimitado de sua adversária.

Outro personagem negro que recebe o mesmo tratamento na série é Ambrose, primo de Sabrina. Sabemos muito pouco sobre suas origens e sua identidade enquanto homem pansexual e negro, que não é explorada na série. Em vez disso, o personagem é reduzido ao papel de ajudante, guiando sua prima conforme ela se aventura na sociedade bruxa. Quando ganha mais destaque, na segunda temporada, Ambrose recebe uma narrativa que gira em torno de sofrimento, tendo que lidar com a morte do seu namorado e uma acusação de homicídio que o coloca na prisão. Como apontado por Franco (2020), Ambrose, o único negro de sua família, sofre mais do que qualquer outro Spellman. Levando isso em consideração, o autor define o arco do personagem como parte do clichê *burry your gays*⁹. Em definição, “este recurso tenta fornecer um desenvolvimento para o personagem de Ambrose”, porém “apenas o reduz a um clichê sistematizado, genérico e exagerado contra a heteronormatividade e branquitude de Sabrina (FRANCO, 2020, p. 19, tradução nossa).¹⁰

Mesmo presentes desde o início da série, Prudence e Ambrose não possuem uma história contada em detalhes. A vida dos personagens e os acontecimentos que os afetam raramente são levados em consideração, ou servem apenas para exaltar a capacidade de Sabrina de salvá-los.

Assim,

O Mundo Sombrio de Sabrina usa a narrativa de Sabrina para mostrar que o clichê do “salvador branco” continua a ser contado na mídia atual e tenta mascará-lo no feminismo branco como uma mensagem empoderadora para que meninas brancas almejem isso (FRANCO, 2020, p. 25, tradução nossa).¹¹

⁹ “Enterre seus gays”, em tradução livre, é o termo utilizado para se referir a um recurso narrativo no qual, quando há um casal do mesmo gênero, um dos parceiros morre ou é destruído antes do fim da história.

¹⁰ No original: “This gimmick attempts to provide Ambrose with character development but just diminishes him to a systematized, generic, overused cliché against Sabrina’s heteronormativity and whiteness.”

¹¹ No original: “Chilling Adventures of Sabrina uses Sabrina’s narrative to show the ‘white savior’ trope continues to be told in current media and attempts to mask it in white feminism as an empowering message to young white girls to strive toward.”



O autor conclui que, ainda que tente falar sobre problemas como sexismo e misoginia, além de discutir as injustiças presentes em certas comunidades, *O Mundo Sombrio de Sabrina* ainda apresenta narrativas que são danosas e carregadas de estereótipos, clichês racistas e caricaturas. Dessa forma, a série continua um legado de supremacia branca e estruturas de poder que já puderam ser vistos em outros filmes e seriados.

Para Franco (2020), ao estabelecer um mundo imaginário “pós-racial”, onde racismo e preconceito não existem, o seriado cria algo muito preocupante por colocar a protagonista, uma jovem mulher branca com poderes sobrenaturais, para lutar contra a misoginia e se tornar uma salvadora das pessoas não-brancas.

Com isso,

A série ainda apresenta a ideia de que uma pessoa branca pode consertar tudo, com ou sem magia, e por ela ser uma figura feminina, ela não é uma ameaça como um homem branco seria. Isso perpetua a ideia de que para ser bem-sucedido, você precisa manter o status de um homem branco no poder. Um homem branco no poder normalmente envolve opressão das pessoas marginalizadas. (FRANCO, 2020, p. 26, tradução nossa)¹²

Sendo mestiça, meio-bruxa e meio-humana, Sabrina herda seus poderes por parte do seu pai, que no desenvolver da série descobrimos ser o próprio Satã. De acordo com Franco (2020), ela é estimulada a aceitar que seu destino é conquistar mais poder e fazer grandes feitos o que transforma “Sabrina em outra ‘salvadora branca’ e usa sua feminilidade branca como um disfarce para as ofensas e injustiças que surgem junto desse papel” (FRANCO, 2020, p. 26, tradução nossa)¹³. Portanto, mesmo que a personagem de Sabrina não seja má, suas ações e comportamentos reforçam narrativas que são utilizadas para manter a supremacia branca. Como Prudence e Ambrose, os personagens negros

¹² No original: “The series still presents the idea that a white person can fix everything with or without magic and because she is a feminine figure, she is less of a threat than a white man would be. This perpetuates the idea that to become successful you must attain the status of a white man in power. White men in power usually involves the oppression of marginalized people.”

¹³ No original: “Sabrina becomes another ‘white savior’ and uses her white femininity as a disguise for the offenses and injustices that come with that role.”



da série são rasos e descartáveis para a história, precisando aguardar pela ajuda de Sabrina a cada situação. Franco (2020) encerra seu argumento afirmando que a representação deles é decepcionante e carregada de estereótipos racistas velados.

Conclusão

Observamos que, nas obras analisadas, há consenso entre pesquisadores de que *O Mundo Sombrio de Sabrina* é uma obra feminista por apresentar uma luta contra o sistema de opressão patriarcal e a favor da libertação feminina. Violências contemporâneas como objetificação, *slutshaming*, consentimento e cultura do estupro são apresentadas na série como herdeiras diretas dos estereótipos associados à figura da bruxa. Assim, ao abordar questões atuais, a narrativa estabelece vínculos com práticas misóginas reproduzidas ao longo dos séculos e manipuladas para legitimar abusos a partir de crenças muito antigas sobre magia, sedução de demônios noturnos, preconceitos e temores em relação ao poder da mulher (Federici, 2019).

Steinke (2019) e Henesy (2020) trabalham o seriado de forma semelhante, considerando a protagonista como símbolo feminista e analisando as metáforas e os estereótipos da figura da bruxa como complemento para essa narrativa empoderadora.

Para Steinke (2019), o produto da Netflix se destaca em relação a outras obras contemporâneas protagonizadas por bruxas justamente por trazer a autonomia feminina para sua trama, discutindo temas como cultura do estupro, consentimento e libertação das mulheres da estrutura patriarcal. Dessa forma, *O Mundo Sombrio de Sabrina* traz novos significados à figura da bruxa como uma força do caos que está no controle do seu próprio corpo.

Já Henesy (2020) observa que Sabrina aparece na série em uma versão diferente da que os fãs conheciam: aparecendo com uma protagonista gótica ativamente política em sua luta contra o patriarcado, o seriado faz referências aos movimentos sociopolíticos e à história da bruxaria em seus episódios, utilizando-se disso para expressar temas contemporâneos e estimular o público à reflexão.

Ainda que reconheça a luta contra o patriarcado na série, o enfoque de Yonekura (2020) recai sobre Lúcifer, que acaba se tornando uma figura que expressa o machismo estrutural dentro de *O Mundo Sombrio de Sabrina*, especialmente ao exigir a devoção total de suas



servas. Para a pesquisadora, o seriado vai além do debate sobre gênero, questionando outras formas de opressão e estruturas de poder.

O estudo de Franco (2020), no entanto, aponta que mesmo que o seriado seja muito ativo na discussão sobre feminismo e na luta contra o patriarcado, *O Mundo Sombrio de Sabrina* reforça clichês e estereótipos racistas em sua trama. Para o autor, ao colocar os personagens negros em uma posição de inferioridade para exaltar Sabrina, cria-se uma salvadora branca que nunca é questionada por reforçar as dinâmicas utilizadas para a opressão de pessoas não brancas.

Conclui-se, com isso, que a produção acadêmica sobre a nova versão de Sabrina se destaca não apenas por abordar o lado sombrio da personagem, mas por oferecer subsídios a discussões contemporâneas por meio da crítica cultural. Contudo, ao reconhecer a narrativa empoderadora, os trabalhos indicam contradições a serem superadas nas próximas versões, tal como as problemáticas da representatividade racial.

Referências

- BARSTOW, Anne Llewellyn. **Chacina de Feiticeiras: Uma Revisão Histórica da Caça às Bruxas na Europa**. 1 ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1995.
- BLÉCOURT, Willem de. . Sabrina, You're Not Yourself: the borrowings of sabrina spellman. **Dramatica**: Studia Universitatis Babes-Bolyai, [s. l], v. 65, n. 1, p. 227-224, 2020. Disponível em: <https://www.ceeol.com/search/article-detail?id=850131>. Acesso em: 26 jun. 2023.
- CENTURY, Sara. Sabrina's The Teenage Witch's Comic Book Evolution, **Syfy Wire**, 05 nov. 2020. Disponível em: <https://www.syfy.com/syfywire/sabrina-the-teenage-witchs-comic-book-evolution>. Acesso em: 26 jun. 2023.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa**. 1ª ed. São Paulo: Elefante, 2017.
- FEDERICI, Silvia. **Mulheres e a Caça às Bruxas**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2019.
- FONSECA, André Azevedo da; RANTIN, Cristiano. Fogueiras Modernas: os símbolos da narrativa da “Bruxa do Guarujá” no linchamento de Fabiane de Jesus. **Semeiosis**: semiótica e transdisciplinaridade em revista, v. 5, n. 1, jun. 2017. Disponível em:



<https://semeiosis.com.br/issues?issue=iB7FlipqXC6VF8VpRFh3&article=2lQ3MSMQLDP4NcBK6FC> Acesso em 26 jun. 2023.

FRANCO, Hector Manoel. **Season of the Witch: The Externalization of Feminine Powers**. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cinema)- Universidade Estadual de São Francisco, São Francisco, 2019. Disponível em: <http://sfsu-dspace.calstate.edu/handle/10211.3/214088>. Acesso em: 26 jun. 2023.

HARRIS, Victoria. Witches on Surfboards: How Witch Media Has Ridden the Waves of Feminism, **Cardinal Compositions**: v. 4, a. 8, 2020. Disponível em: <https://ir.library.louisville.edu/cardcomp/vol4/iss1/8> Acesso em: 26 jun. 2023.

HENESY, Megan. Leaving My Girlhood Behind: Woke Witches and Feminist Liminality in Chilling Adventures of Sabrina. **Feminist Media Studies**, v. 21, n. 7, jul. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14680777.2020.1791929>. Acesso em: 26 jun. 2023.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál**. Florianópolis, v. 10, p. 37-45, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802007000300004. Acesso em: 26 jun. 2023.

MCCANN, Alex. Bewitched: Between Housewifery and Emancipation. **Studia Universitatis Babeș-Bolyai - Dramatica**, v. 65, n. 1, p. 245-259, 2020. Disponível em: <https://www.ceeol.com/search/article-detail?id=850133>. Acesso em 26 jun. 2023.

MOREIRA, Isabela. Literatura: 9 livros incríveis para ler no mês de março, **Revista Galileu**, 12 mar. 2018. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2018/03/literatura-9-livros-incriveis-para-ler-no-mes-de-marco.html>. Acesso em: 26 jun. 2023.

MORETTO, Daniel; ALVES, Lorena A. de Melo; CÂMARA, Naiá Sadi. A Trajetória Da Franquia Midiática “Sabrina, The Teenage Witch” E As Diferentes Traduções Na Construção De Mundos Ficcioneis. **Revista Geminis**: Redes de Comunicação e Narrativas em Saúde - Parte 1, [s. l], v. 2, n. 11, p. 266-284, ago. 2020. Disponível em:



<https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/519>. Acesso em: 26 jun. 2023.

ROTHFELD, B. Season of the Witch. **The Hedgehog Review**, v. 22, n. 1, p. 56–66, 22 mar. 2020. Disponível em <https://go.gale.com/ps/i.do?id=GALE%7CA617713738&sid=googleScholar&v=2.1&it=r&linkaccess=abs&issn=15279677&p=AONE&sw=w&userGroupName=anon%7E56501beb&aty=open+web+entry>. Acesso em: 26 jun. 2023.

STEINKE, Danielle. **#MeToo and the Witching Hour: Contemporary Feminist Discourse on the Representation of Witchcraft in The Chilling Adventures of Sabrina**. In: Student Research Day, Edmonton, 2019. Disponível em: <https://roam.macewan.ca/islandora/object/gm%3A1815>. Acesso em: 26 jun. 2023.

TINK, Courtney. **From villainous vixen to feminist icon: a critical analysis of Lilith in Shadowhunters (2016–2019) and The Chilling Adventures of Sabrina (2018–)**. Set de 2020. Disponível em: <https://repository.up.ac.za/handle/2263/78305>. Acesso em: 26 jun. 2023.

TRAMMELL, Sarah. **Witch-Media: A Lens for Understanding Female Empowerment**. 29 de maio de 2020. Disponível em: <<https://baylor-ir.tdl.org/handle/2104/10943>>. Acesso em: 26 jun. 2023.

WILLIAMS, Cameron. Everything You Need To Know About Sabrina, From Archie Comics To “Chilling Adventures”, **Junkee**, 26 out. 2018. Disponível em: <https://junkee.com/chilling-adventures-sabrina-explainer/178610>.

Acesso em: 26 jun. 2023.

YONEKURA, Yasmin Pereira. A valsa com o diabo: Lúcifer e a estrutura patriarcal do cristianismo versus a bruxaria na segunda temporada de O Mundo Sombrio de Sabrina. **Todas as Musas**, São Paulo, ano 11, v. 2, jan. - jun. 2020.



The Limits of the Feminist Witch: Confronting Patriarchy in the Series “Chilling Adventures of Sabrina”

ABSTRACT: Created in 1962, the witch Sabrina was represented in several versions in comics, animations, TV shows and films. In 2018, in the context of the emergence of the #MeToo movement, the series Chilling Adventures of Sabrina, released by Netflix, brought a narrative that addressed feminist themes, although limited by the contradictions of the cultural industry. Therefore, the series became the object of study in several fields. This article deals with a bibliographic review of academic productions in the field of Communication about the series, hopefully for the systematization of the results. It was concluded that, in general terms, the research starts from the study of the negative stereotypes associated with the figure of the witch in history to discuss patriarchal oppression through the feminist perspective, placing the series in the contemporary context and identifying the historical problems present in the struggle for autonomy of the protagonist in fiction, even if it is not exempt from reproducing racist stereotypes.

KEYWORDS: FEMINISM. WITCH. SOCIAL IMAGINARY. SABRINA.

Cristiano Vinicius Lima RANTIN

Mestre em Comunicação, Especialista em Religiões e Religiosidades e Jornalista graduado pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Pesquisa a figura da bruxa e seus estereótipos na cultura pop.

André Azevedo da FONSECA

Professor Associado no Programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Doutor em História (Unesp), com pós-doutorado no Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC/UFRJ). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (PQ2).

Recebido em: 26/06/2023

Aprovado em: 28/09/2024